

# Sam Keller: 'Arte não é só para rico'

Diretor do museu mais popular da Suíça está no Rio para debate com Ernesto Neto e Paulo Herkenhoff, na EAV do Parque Lage

Nelson Gobbi 03/05/2018 7:52

RIO — Diretor da Fondation Beyeler desde 2008, hoje o museu mais visitado da Suíça, com mais de 350 mil visitantes por ano, Sam Keller tornou-se um dos nomes mais influentes do circuito internacional de arte ao dirigir duas das feiras mais importantes do setor, a Art Basel e a Art Basel Miami. Conhecedor da produção brasileira e amigo de artistas, colecionadores e curadores do país, Keller está no Rio para participar de um debate nesta quinta-feira, às 19h, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, com o artista Ernesto Neto e o crítico Paulo Herkenhoff.

O evento vai apresentar ao público carioca a instalação “GaiaMotherTree”, que o brasileiro vai desenvolver em junho na principal estação ferroviária de Zurique, a convite do museu fundado em 1997 pelo galerista e colecionador Ernst Beyeler em Riehen, a poucos quilômetros de Basel. Em entrevista ao GLOBO, o suíço fala sobre a presença brasileira no exterior, o mercado de arte e modelos de financiamento.

**Qual o segredo da Fondation Beyeler, que em 21 anos de funcionamento se tornou o museu mais popular da Suíça?**

Não há segredo, é uma mistura de fatores. Em primeiro lugar, a qualidade da coleção, que é mundialmente famosa, além de uma programação ambiciosa. Temos a sorte de ter um dos museus mais bonitos do mundo, assinado pelo arquiteto italiano Renzo Piano, em um lugar belíssimo, cercado pela natureza. Tudo no museu tem uma escala humana, nada é feito para intimidar. Em nossas pesquisas, percebemos como o boca a boca

é importante, por isso também damos bastante atenção ao digital. Muita gente chega ao museu por meio da internet e das redes sociais.

[LEIA MAIS: Ernesto Neto cria instalação gigante para estação de trem de Zurique](#)

## Qual o modelo de financiamento do museu?

É um modelo misto. A principal fonte vem do próprio museu, com a venda de ingressos e a arrecadação das lojas, do restaurante etc. Além da coleção e do prédio, os fundadores criaram um fundo, com o qual é possível manter os custos operacionais. Também contamos com parcerias de empresas de grande porte e um apoio governamental, em torno de 10% do orçamento.



*'Salvator Mundi', de Leonardo da Vinci Foto: Drew Angerer / AFP*

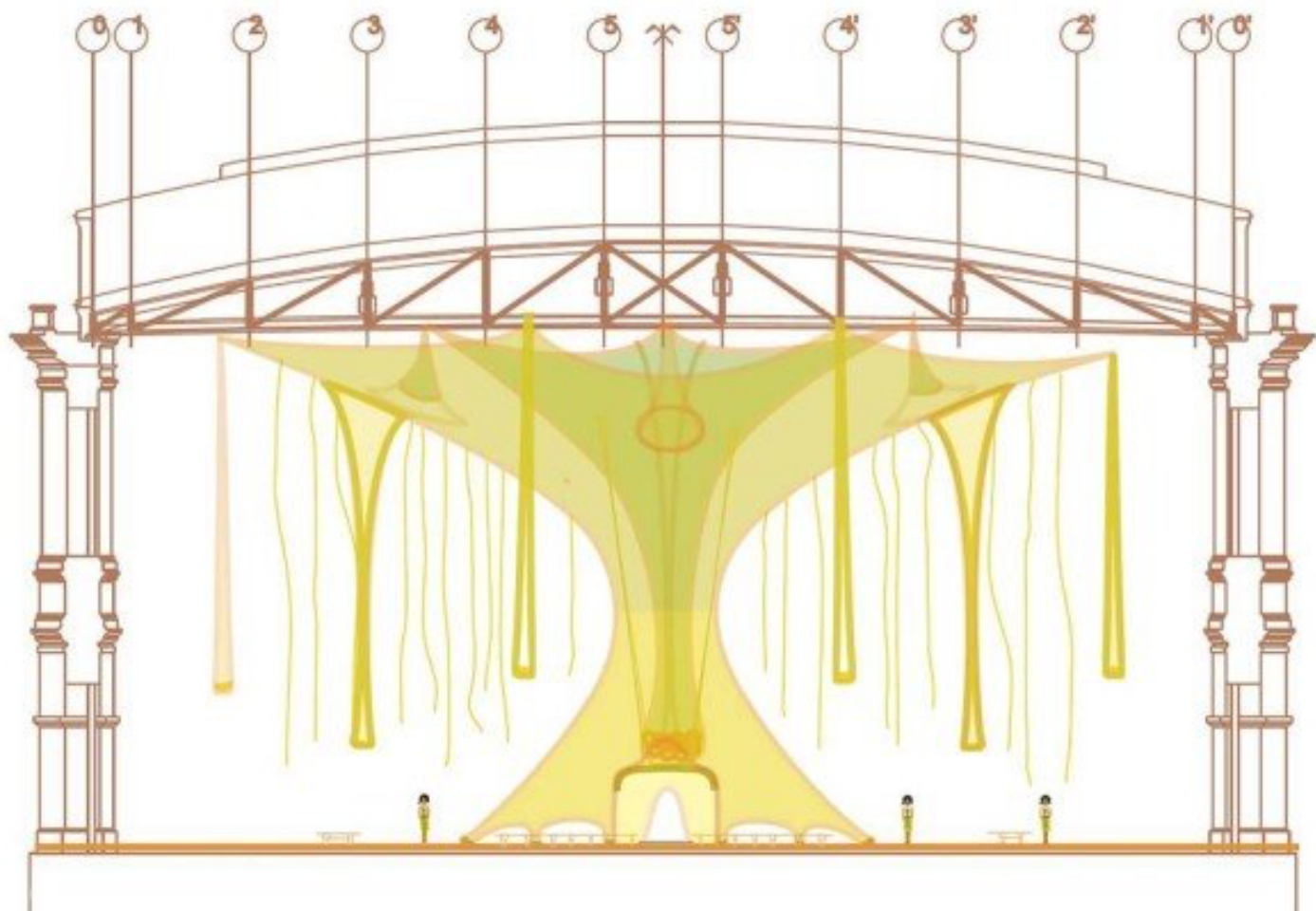
- **'Salvator Mundi', de Leonardo da Vinci**

O quadro "Salvator Mundi", do artista renascentista Leonardo da Vinci, foi leiloado por US\$ 450,3 milhões, cerca de R\$ 1,5 bilhão, e estabeleceu um novo recorde em leilões do mercado de arte. A tela, que representa Jesus Cristo, o "salvador do mundo", segurando uma

esfera com a mão esquerda, foi vendida em apenas 19 minutos.

## **O modelo que une venda de ingressos e financiamento governamental dá sinais de esgotamento?**

Manter um museu e uma programação de qualidade custa caro, acredito que todas as instituições do mundo estejam buscando formas eficientes de captar recursos. A Europa tradicionalmente tem museus mantidos pelo governo, e no século XXI a redução de recursos tem sido uma constante na maioria dos países. Acho que, como na natureza, a variedade pode garantir a sobrevivência, por isso a importância de buscar formas diversificadas de financiamento. Isso também pode garantir mais liberdade às instituições, sem o risco de interferências governamentais ou de empresas. A liberdade é fundamental não só para os artistas, mas também para as instituições.



Projeto de Ernesto Neto para 'GaiaMotherTree', que será montada em Zurique em junho - **Agência O Globo**

**Você conhece bem a arte brasileira, tem um contato de anos com artistas, galeristas e curadores. Como vê a nossa presença no exterior?**

Acompanho a arte brasileira pelo menos há 20 anos, e nos últimos dez

percebo uma mudança radical. No início, tinha contato com artistas fantásticos, mas que eram mais conhecidos por aqui. Hoje a presença é muito forte em museus, galerias, bienais e feiras. A arte brasileira está vivendo um bom momento, mas não há motivos para relaxar nem se acomodar, a globalização também traz muita competição.

*‘A arte brasileira está vivendo um bom momento, mas não há motivos para relaxar nem se acomodar, a globalização também traz muita competição.’*

*- Sam Keller* *Diretor da*  
*Fondation Beyeler*

essa deva ser a maior preocupação de vocês.

**As atenções do mercado têm se voltado muito para a Ásia, onde tem se investido muito no setor. O futuro da arte pode passar por lá?**

Temos que olhar isso numa escala ampliada. A Europa foi tida durante séculos, por uma série de razões, como o centro do mundo, levando sua cultura e formas de criações artísticas para outras partes do globo. O século XX foi o da América, e agora outras regiões entram nesta disputa. No momento, o mercado asiático está em alta, e a arte segue o dinheiro. Mas temos que pensar de que forma isso está sendo feito. Os governos sabem os fatores que tornam um país uma nação forte, por isso muitos deles investem em arte e esportes. Mas a arte é como uma planta: você pode regar e utilizar os melhores insumos, mas se não tiver um bom solo e raízes fortes, ela não vai resistir.

**Há o risco de a arte brasileira estar passando por uma onda, uma bolha de mercado?**

Não acredito nisso. O Brasil tem uma diversidade artística enorme, com muitos artistas de ponta, instituições, grandes colecionadores. Claro que o mercado cria ondas e que a economia gera altos e baixos, mas vocês têm um ecossistema saudável na arte. Talvez isso possa acontecer com alguns países do Golfo Pérsico, mas não acho que

## **Negócios como a compra da tela “Salvator Mundi”, de Leonardo Da Vinci, por mais de US\$ 450 milhões por um príncipe saudita, chamam atenção extra para a região?**

Muitas vezes, grandes vendas como esta não têm a ver com arte; no caso de [“Salvator Mundi”](#) é mais uma questão de geopolítica, de poder. Quando uma obra atinge um preço recorde acaba despertando mais atenção da mídia do que ao ser criada ou exibida. Gosto mais das histórias por trás das obras. “Salvator Mundi” tem até uma boa história, mas o que faz dela uma boa pintura não é o seu preço recorde. O maior problema quando acentuamos muito a questão dos valores é criar a impressão de que arte é só para pessoas ricas, o que não é verdade. A arte é uma necessidade humana, o mercado é outra coisa. Claro que é ótimo existir colecionadores ricos que apoiam e incentivam a arte, isso faz parte da História, desde os grandes impérios, a Igreja, os mecenas. Mas não podemos esquecer que todos os dias os artistas continuam criando, sem que esta criação esteja necessariamente relacionada a vendas.

### **SERVIÇO**

**Onde:** EAV — Rua Jardim Botânico 414, Jardim Botânico (2334-4088).

**Quando:** Quarta, às 19h. **Quanto:** Grátis. **Classificação:** Livre

### **Newsletter**

**As principais notícias do dia no seu e-mail.**